

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
ANTROPOLOGIA POLÍTICA – CÓD. 135321
Professora: **Giovana Acacia Tempesta**
Contato: giovana.tempesta@gmail.com
Monitora:
2.º sem./2019
segundas-feiras, 14h às 17h50, PJC 44

1. Ementa

“Estudo das formas de organização política em sociedades sem estado, como proto-estado e com estado. Chefias e lideranças. Poder e autoridade. As interrelações entre o político, o social, o econômico e o religioso.”

2. Proposta

O curso abordará os grandes temas indicados na ementa a partir de um amplo conjunto de textos que trata a política e as relações de poder de diversas perspectivas analíticas, contemplando ainda algumas reflexões filosóficas pertinentes. A leitura de obras clássicas será articulada criativamente a textos contemporâneos, de modo a indicar de que forma(s) a etnografia continua sendo valiosa para os estudos de antropologia política a respeito da questão indígena e da questão racial, política partidária, gênero, saúde, questão racial e meio ambiente & território. Perspectivas locais, privilegiando o Brasil, a América Latina e o continente africano, serão aproximadas de uma visada transnacional, assim como etnografias de contextos específicos serão aproximadas de questões teóricas mais amplas.

3. Dinâmica das aulas

As aulas serão compostas de uma parte expositiva e uma parte dialogada, de modo que a leitura prévia dos textos e a participação ativa dos estudantes em sala são elementos fundamentais para viabilizar a constituição de um ambiente de trocas criativas e críticas. Durante algumas aulas serão realizadas dinâmicas de escrita e de apresentação oral de ideias, individualmente e em grupos. Definiremos coletivamente a forma mais produtiva de incorporar a Bibliografia Complementar às discussões.

O presente programa poderá sofrer adequações ao longo do semestre.

A Semana Universitária acontecerá entre 23 e 27 de setembro.

4. Avaliação

As avaliações têm como objetivo aferir o acompanhamento das discussões e das principais ideias trabalhadas ao longo das etapas do curso, bem como estimular a reflexão crítica e criativa entre os estudantes. Elas serão aplicadas da seguinte forma:

- i. Participação efetiva em sala de aula: corresponde a 10% da menção final
- ii. Seminário em grupo: corresponde a 30% da menção final
- iii. Trabalho final individual: corresponde a 60% da menção final

Alguns filmes e documentários serão utilizados para fomentar os debates.

Os exercícios avaliativos realizados em sala de aula têm conexão com os temas dos seminários e também com o trabalho final.

Em relação ao formato do trabalho final, observar as seguintes indicações de forma: entre quatro e seis laudas; na primeira página, deverá ser inserido um cabeçalho resumido contendo a identificação do estudante (nome completo e matrícula), bem como o título do trabalho. Utilizar fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço 1,5 e margens padronizadas. O trabalho deverá ser impresso em frente-e-verso, com inserção de número de páginas. As Referências Bibliográficas deverão seguir o padrão da ABNT. A data de entrega (a ser definida oportunamente) é improrrogável, salvo mediante apresentação de atestado médico.

A atribuição de nota aos exercícios e ao trabalho final se dará da seguinte forma: compreensão dos principais conceitos e abordagens estudados: até 2,5; emprego da bibliografia básica e da bibliografia complementar pertinentes: até 2,5; articulação entre a argumentação sustentada, a ementa do curso e as discussões havidas em sala de aula: até 2,5; clareza, coerência, capacidade crítica e criatividade na apresentação das ideias (no caso do trabalho final, será avaliado também o respeito às regras de formatação indicadas no parágrafo anterior): até 2,5.

De acordo com o regulamento da UnB, os estudantes que se ausentarem em mais de 25% das aulas serão reprovados.

5. Sequência das leituras e debates

Aulas 1 e 2

Leitura da presente proposta de programa, conversa sobre o acordo de convivência, conversa sobre as ferramentas de avaliação e dinâmica de leitura da seguinte síntese panorâmica:

KUSCHNIR, Karina. 2007. Antropologia e política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 22 (64): 163-167.

Aulas 3 e 4

BALANDIER, Georges. (1967) 1969. **Antropologia Política**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro: Editora da Universidade de São Paulo. [Especialmente caps. I. Construção da Antropologia Política e II. O terreno do Político, pp. 7-48]

COMERFORD, J. C. & BEZERRA, M. O. 2013. Etnografias da política: uma apresentação da Coleção Antropologia da Política. **Análise Social**, 207, XLVIII (2.º): 465-489.

Aulas 5 e 6

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. (1940) 1978. **Os Nuer**. São Paulo: Editora Perspectiva. [Especialmente Introdução (pp. 5-21) e capítulo 4 (pp. 151-200)]

GLUCKMAN, Max. (1963) 2011. **Rituais de Rebelião no Sudeste da África**. Série Tradução, DAN/UnB. 34 p.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. 2001. Conflitos recentes, estruturas persistentes: notícias do Sudão. **Revista de Antropologia**, 40 (2): 127-146.

Aulas 7 e 8

CHAVES, Christine Alencar. 1996. Eleições em Buritis: a pessoa política. **Série Antropologia**, 206. Brasília: UnB.

PALMEIRA, Moacir. 2002. Política e tempo: nota exploratória. In: PEIRANO, M. (org.) **O Dito e o Feito. Ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. pp. 171-177.

Aulas 9 e 10

CESARINO, Leticia. 2019. Populismo digital, neoliberalismo e pós-verdade: uma explicação cibernética. Anais eletrônicos da VII ReACT – Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia, Florianópolis (SC)

LEIRNER, Piero. 2012. O Estado como fazenda de domesticação. **R@u. Revista de Antropologia da UFSCar**, 4 (2): 38-70.

BLANES, Ruy Lera. 2012. O tempo dos inimigos. Reflexões sobre uma antropologia da repressão no século XXI. **Horizontes Antropológicos**, 18 (37): 261-284.

Aulas 11 e 12

CLASTRES, P. (1974) 1978. **A Sociedade contra o Estado. Pesquisas de antropologia política**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. [Especialmente cap. XI. A sociedade contra o Estado (pp. 132-152)]

VANZOLINI, Marina. 2011. Eleições na aldeia ou o Alto Xingu contra o Estado? **Anuário Antropológico**, 2010 (1): 31-51.

Aulas 13 e 14

SAHLINS, Marshall. (1988) Cosmologias do capitalismo. O setor transpacífico do ‘sistema mundial’. In: **Cultura na Prática**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. pp. 445-501.

KOPENAWA, Davi & ALBERT, Bruce. 2015. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras. [Especialmente “A fumaça do metal”]

KRENAK, Ailton. 2019. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras.

Aulas 15 e 16

FOUCAULT, Michel. (1979). 2018. Verdade e poder; Poder-corpo; A governamentalidade. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal [Esp. pp. 35-54, 234-243, 407-431].

BARTLETT, L. RODRÍGUEZ, D. & OLIVEIRA, G. 2015. Migração e educação: perspectivas socioculturais. **Educação e Pesquisa**, 41, n. especial: 1153-1171.

Aulas 17 e 18

MBEMBE, Achille. 2016. Necropolítica. **Temáticas. Arte & Ensaios**, n.º 32: 123-151.

PINHO, Osmundo. 2007. Lutas culturais: relações raciais, antropologia e política no Brasil. **Sociedade e Cultura**, 10 (1): 81-94.

Aulas 19 e 20

Dossier: El pensamiento de Lélia Gonzalez, un legado y un horizonte. **The Quarterly Newsletter of the Latin American Studies Association**. 2019. (selecionar artigos)

PLÍNIO DOS SANTOS, Carlos Alexandre. 2014. Maria do Povo: etnografia de uma resistência no semiárido piauiense. **Vivência. Revista de Antropologia**, 43: 47-65.

Aulas 21, 22, 23 e 24

Seminários

Aulas 25 e 26

ULLOA, Astrid. 2016. Feminismos territoriales en América Latina: defensas de la vida frente a los extractivismos. **Nómadas**, 45: 123-139.

FEDERICI, Silvia. 2019. O feminismo e a política dos comuns. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (org.). **Pensamento Feminista. Conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. pp. 379-394.

Aulas 27 e 28

AGAMBEN, Giorgio. 2016. **Uma biopolítica menor**. Série Pandemia. N -1 Edições. (entrevista realizada por S. Grelet e M. Potte-Bonneville, originalmente publicada em *Vacarme*, vol. 10, jan/2000).

GINSBURG, Faye & RAPP, Rayna. 1991. The Politics of Reproduction. **Annual Review of Anthropology**, 20: 311-343.

BIEHL, João. 2001. Antropologia no campo da saúde global. **Horizontes Antropológicos**, 17 (35): 257-296.

Aulas 29 e 30

STENGERS, Isabelle. 2018. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n.º 69: 442-464.

TSING, Anna L. 2019. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. [esp. Prefácio; cap. 6 e Interlúdio]

Avaliação geral do curso

6. Bibliografia complementar

AMSELLE, J.-L. (1985) 2014. Etnias e espaços: para uma antropologia topológica. In: _____ & M'BOKOLO, E. (orgs.) **Pelos meandros da etnia: etnias, tribalismo e estado em África**. Luanda: Edições Mulemba; Magualde: Edições Pedagogo. 2.ª ed. pp: 23-54.

ARENDT, H. 2017. **O que é política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 12.ª edição.

BARTH, F. (1969) 1998. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: **Teorias da Etnicidade**. Organizado por P. Poutignat e J. Streiff-Fenart. São Paulo: Fundação Editora Unesp. 2.ª reimpressão. pp. 185-227.

BRAH, A. 2006. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu* (26): 329-376.

CHAUÍ, M. 2014. Contra o Um, contra o Estado: o contradiscurso de Clastres e La Boétie. In: **Contra a servidão voluntária** (organizado por H. Santiago). Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2.ª ed.

CHAVES, C. 2002. A Marcha Nacional dos Sem-Terra: estudo de um ritual político. In: PEIRANO, M. (org.) **O Dito e o Feito. Ensaios de Antropologia dos Rituais**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. pp. 133-148.

CONNEL, R. 2012. A iminente revolução na teoria social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 27 (80): 9-20.

GALLOIS, D. T. 2002. “Nossas falas duras”. Discurso político e auto-representação Waiãpi. In: ALBERT, B. & RAMOS, A. (orgs.) **Pacificando o Branco. Cosmologias do contato no Norte-Amazônico**. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado. pp. 205-237.

LANNA, M. 1995. **A dívida divina. Troca e patronagem no Nordeste brasileiro**. Campinas: Editora da Unicamp.

MIGNOLO, W. 2017. Colonialidade. O lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 32 (94). 18 p.

PEIRANO, M. 1998. Antropologia política, ciência política e antropologia da política. In: **Três Ensaios Breves**. Brasília, UnB, Série Antropologia, n. 230: 17-29.

PINHEIRO-MACHADO, R. & SCALCO, L. M. 2018. Da esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista. In: SOLANO GALLEGOS, E. (org.) **O ódio como política. A reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo. pp. 53-59.

PRECIADO, P. B. 2019. O que é contrassexualidade?; Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (org.). **Pensamento Feminista. Conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. pp. 411-430.

SEGATO, R. 2012. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **e-cadernos CES [online]**, 18: 106-131.

TEIXEIRA, C. C. 2002. *Das bravatas*. Mentira ritual e retórica da desculpa na cassação de Sérgio Naya. In: PEIRANO, M. (org.) **O Dito e o Feito. Ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. pp. 113-132.